

ELEMENTOS ESTATÍSTICOS

COMÉRCIO EXTERNO DE PORTUGAL (1)

Procuramos nas páginas seguintes apreciar estatisticamente, ao longo dos últimos decénios, as compras e as vendas de mercadorias de Portugal.

Tivemos em conta o peso, o valor global, a situação da balança comercial, e portanto a amplitude das dificuldades criadas pelo seu desequilíbrio constante (2), e consequentes acumulações de défices na balança de pagamentos (3). Tivemos ainda em conta o paralelismo e as oposições dos ritmos de valorização específica das exportações e das importações, que são naturalmente reflexo da evolução da economia metropolitana, como o dirá por exemplo o grau de elaboração, que se acentua, das produções vendidas habitualmente como matérias-primas (caso da cortiça) e a percentagem dos bens de equipamento no valor das compras feitas pelo país ao estrangeiro.

Estudamos seguidamente as estruturas das correntes comerciais e as suas alterações mais sensíveis, bem como a dimensão espacial daquelas e respectivas mudanças, nos dois últimos aspectos função de condições externas e da eficácia das negociações no âmbito das grandes associações do comércio internacional ou dos acordos bilaterais. A completar, apreciou-se a situação em 1970, tanto quanto aos valores como quanto à composição e aos espaços geográfico e económico em que se projectam.

Por fim analisaram-se os meios de transporte que servem o comércio externo português, a função dos portos, nomeadamente as dos de Lisboa e Leixões, e a da navegação nacional.

EVOLUÇÃO GERAL

Considerando o período que vai desde os anos anteriores à segunda guerra mundial até à actualidade (fig. 1 e 2), é de salientar o desenvolvimento progressivo das correntes comerciais, mas a ritmos que

(1) Vejam-se os diversos volumes, publicados anualmente pelo INE, do Comércio Externo, os Anuários Estatísticos e o volume 1 do III Plano de Fomento (1968-1973).

(2) Interrompido durante os primeiros anos da segunda guerra mundial pela procura externa de conservas e de volfrâmio nacionais e pela valorização extraordinária dos mesmos.

(3) Aquelles défices são colmatados com divisas de proveniências diversas — emigração, turismo, venda de serviços ... —, não menos difíceis de defender do que as vendas de mercadorias.

variaram: fracos até 1945, o que se compreende pela conjuntura política e económica internacional da época, depois rápidos até 1950, pela reorganização da economia mundial no após-guerra, novamente retardados até 1960, e a partir de então, pelo contrário, bastante acelerados, alcançando os maiores aumentos nos dois últimos anos. Esta variação é porém menos perceptível nas toneladas do que nos valores.

Evolução das importações (fig. 1 e 2). Note-se o retrocesso de 1937 a 1942, certamente relacionado com a diminuição da oferta dos habituais fornecedores, envolvidos pela guerra, e das disponibilidades dos meios de transporte; o desenvolvimento ligeiro até 1958, apenas

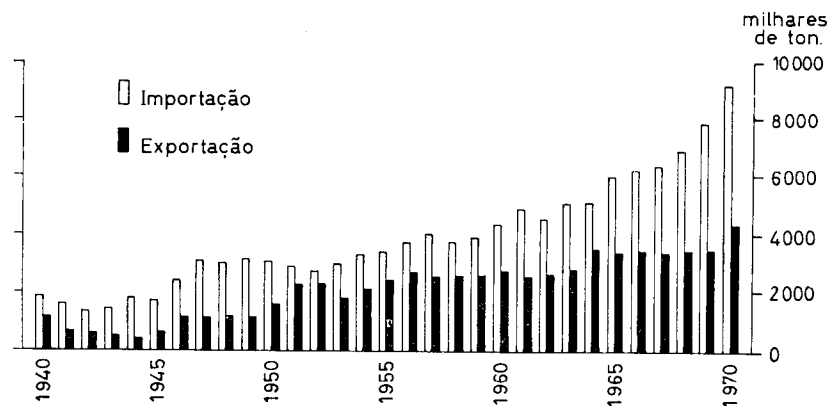


Fig. 1 — Comércio especial (toneladas).

perturbado em 1952, talvez por se terem esgotado entretanto as reservas financeiras acumuladas durante a guerra; depois, o desenvolvimento irregular até 1964 e acentuado a partir de então, reflexo da expansão das infra-estruturas de produção e do consumo. O valor médio de cada tonelada importada (fig. 3) apresenta variações comparáveis: é de salientar o aumento de 1943 a 1945, que se prolonga até 1948 (importações de bens de consumo do após-guerra, muitos de natureza alimentar), seguido depois por uma quebra pequena e pouco duradoura (dois anos) e por novos aumentos, lentos e descontínuos até 1960 e em seguida muito acentuados.

Evolução das exportações (fig. 1 e 2). As quantidades mínimas registaram-se durante a guerra e nos anos posteriores. Os valores respectivos apresentam até 1960 um ritmo de crescimento sincopado, com máximos durante a guerra e no início do decénio de 1950, que se projectam mais amplamente no seguinte. Os valores médios de cada tonelada exportada apresentam-se máximos durante a guerra, quando eles foram superiores aos máximos normais, de 1964 a 1970.

A Balança Comercial. Das fig. 1, 2 e 3 se deduz o seu carácter constantemente deficitário, de que se exclui, quanto aos valores, um episódico saldo positivo, obviamente ocorrido durante a guerra. Os

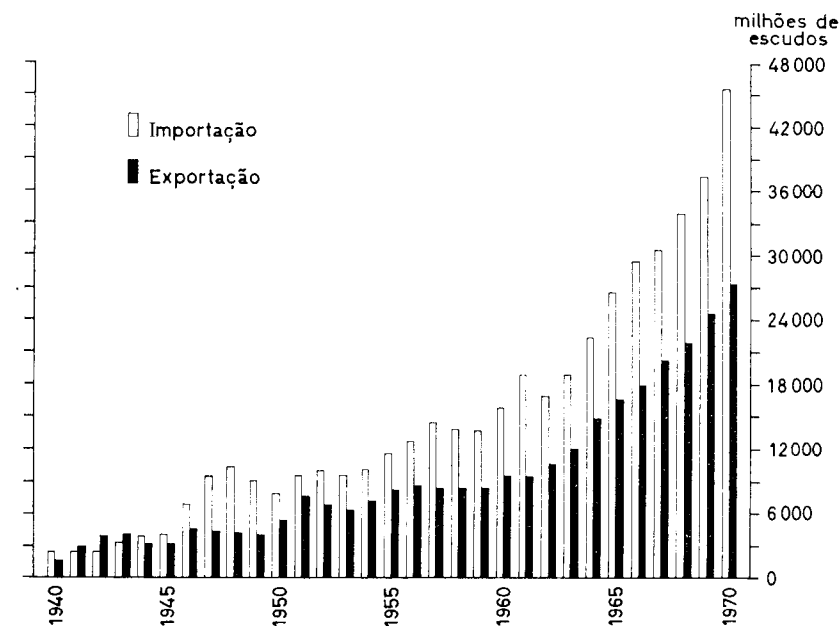


Fig. 2 — Comércio especial (valores).

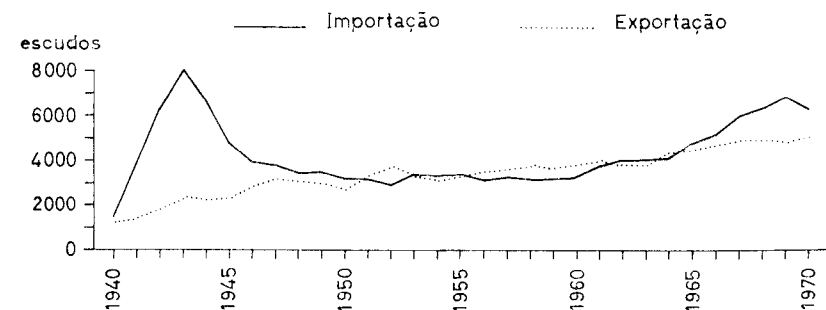


Fig. 3 — Valor unitário da tonelagem importada e exportada.

défices máximos verificaram-se no imediato após-guerra, por estagnação das exportações dos minérios e dos produtos primários, dispensáveis pelas nações que o conflito debilitou economicamente, porque não de primeira necessidade — os vinhos —, ou porque substituíveis por outros mais baratos — as conservas. São também de destacar os dois primeiros

anos de sessenta, devido ao grande aumento das importações, e o de 1970.

A apreciação da balança comercial, em função das toneladas vendidas e importadas, permite anular aquele saldo ocasional: ela revela-se, com efeito, permanentemente negativa, embora o défice tenha sido mínimo em 1952 e a partir de 1964 se marque fortemente, no que interferem importações volumosas de produtos agrícolas.

A abertura cada vez maior da economia portuguesa, revelada pelo aumento geral das quantidades e valores das mercadorias exportadas, tendo sido acompanhada de paralelo aumento das importações, mas a taxas superiores, não se traduziu na verdade numa conquista de equilíbrio para a balança comercial. Embora se tenha começado a incluir nas exportações da Metrópole os diamantes industriais, elas continuam a cobrir somente cerca de dois terços das importações ⁽⁴⁾.

AS PRINCIPAIS COMPONENTES TRADICIONAIS DO COMÉRCIO EXTERNO (1938-1968)

Mercadorias exportadas. Os pesos globais das exportações foram em 1938 profundamente afectados pelos correspondentes às pirites (cerca de meio milhão de toneladas, fornecidas pelas empresas mineiras de S. Domingos e de Aljustrel), à madeira em esteios para minas (duas centenas de toneladas), à cortiça em prancha (meia centena de toneladas) e aos vinhos, conservas de peixe e pez louro. Seguiram-se a cortiça em obra, a aguarrás, o azeite e por fim os minérios de estanho e de volfrâmio e a amêndoa. A exportação apresentava uma estrutura pouco diversificada e directa ou indirectamente primária, pois as dominantes filiam-se na agricultura, nos povoamentos florestais, na pesca e nas indústrias extractivas.

Dez anos depois, a estrutura correspondente traduz o grande desenvolvimento das exportações de cortiça como matéria-prima, essencialmente em aparas finas (cerca de um terço) e em prancha (cerca de um quarto), cujos grandes compradores foram os Estados Unidos da América, a Inglaterra, a Rússia e a Holanda (cortiça virgem, serradura e refugo); e a redução das de azeite, dirigidas na sua quase totalidade ao Brasil (dois terços) e a Angola e Moçambique, assim como das de madeira em esteios para minas, de que os principais compradores foram a Espanha e a Inglaterra ⁽⁵⁾.

Em 1960 salienta-se o desenvolvimento das exportações de vinhos ⁽⁶⁾ e de conservas ⁽⁷⁾ e a continuação da redução das de madeira e

⁽⁴⁾ Veja-se, de EDUARDO GUERRA, *Evolução da Economia Portuguesa*, colecção «Seara Nova», Lisboa, 1967, 249 pp.

⁽⁵⁾ Estas foram afectadas pela modernização técnica da exploração das minas.

⁽⁶⁾ O mercado dos vinhos de mesa caracterizou-se sempre pela grande dispersão dos compradores. Em 1948, porém, distinguiram-se o Ultramar, o Brasil, a França e a Bélgica-Luxemburgo, e em 1960, além destes, o Reino Unido, a Suíça e a Suécia.

⁽⁷⁾ Reflexo das boas pescas de sardinha que entretanto ocorreram. Os grandes compradores foram, em 1948, os E. U. A. e a Suíça, quanto à variedade sem pele nem espinha, e a Inglaterra, a

de pirites (65 p. 100 das verificadas em 1938). A diversificação começava a acentuar-se, mas um pequeno grupo de produtos continuou, no entanto, a manter uma posição predominante: fios e tecidos de algodão, vestuário, coberturas e outras roupas de algodão, conservas de sardinha, cortiça

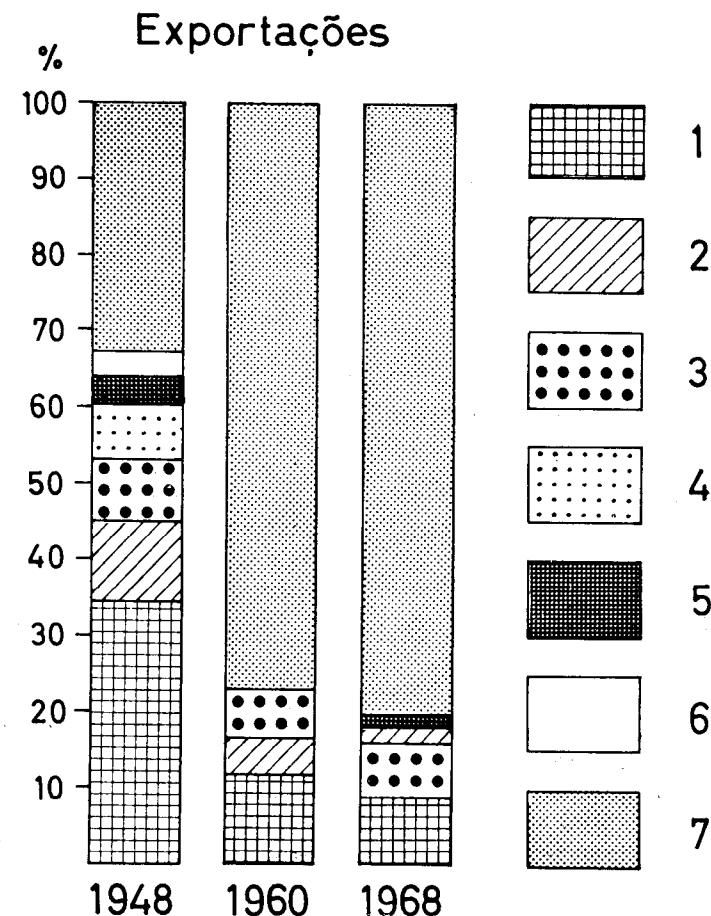


Fig. 4 — Principais artigos. 1 — Pirites; 2 — cortiça (matéria-prima); 3 — vinhos; 4 — madeira; 5 — pez louro; 6 — conservas de peixe; 7 — outras.

em obra e em bruto, madeira em bruto e semitrabalhada, vinhos comuns, vinho do Porto e tomates em conserva; em 1965 eles representaram mais de 40 p. 100 do valor global das mercadorias vendidas.

Bélgica-Luxemburgo, a Irlanda e a Itália, quanto às variedades comuns em azeite; em 1960 sobressaem a Alemanha e o Reino Unido, seguidos dos E. U. A., da Itália, da Bélgica-Luxemburgo, da França e da Áustria.

Em resumo, de 1938 a 1968, a evolução das principais mercadorias exportadas (em toneladas) (fig. 4) traduz-se por:

- aumentos regulares nos casos da cortiça em obra, pez louro e vinhos, com oscilações nos da aguarrás, conservas de peixe, azeite de oliveira e miolo de amêndoa (*);
- diminuições graduais nos casos da madeira, do volfrâmio, do estanho e das pirites, e oscilatórias noutros, de que o melhor exemplo é o da cortiça não (ou pouco) trabalhada.

A análise da variação média anual referida aos períodos que têm como limites os anos de 1938, 1948, 1960 e 1968 permite evidenciar o comportamento dos vinhos, das conservas, da cortiça e do azeite (quadro I).

QUADRO I
Variação média anual (toneladas)
(em percentagens)

Mercadorias exportadas	1938-1948	1948-1960	1960-1968
Madeiras em esteios para minas	(- 5,5)	(- 2,8)	(- 10,5)
Cortiça (matéria-prima)	2,2	(- 0,1)	(- 6,3)
Cortiça (em obra)	10,9	6,5	3,0
Aguarrás	(- 2)	1,0	5,3
Pez louro	3,8	1,5	1,8
Vinhos	1,9	5,0	6,2
Azeite de oliveira	(- 5,9)	1,6	14,7
Amêndoa em miolo	(- 4,2)	1,1	26,0
Conservas de peixe	(- 0,2)	4,8	(- 0,5)
Minério de estanho	(- 5,2)	(- 6,4)	—
Minério de volfrâmio	(- 1,1)	(- 0,7)	(- 4,4)
Pirites	(- 2,1)	(- 1,4)	(- 2,7)

Mercadorias importadas. Em 1938 salientam-se, pelo peso, os carvões minerais, os fosfatos, o ferro, o trigo e o milho em grão, os óleos, lubrificantes e combustíveis, o açúcar e as oleaginosas — elementos energéticos ou industriais, artigos agrícolas, sobretudo alimentares, e adubos. Dez anos depois continuam a predominar os carvões, os fosfatos, e todos os outros.

Em 1960, as novidades são dadas pela redução sofrida pela hulha, por certo relacionada com o desenvolvimento da produção nacional

(*) Com excepção dos da aguarrás, eles são reflexo da variação anual das produções, no caso do peixe, quase cíclica, nos outros, função das condições meteorológicas das épocas de frutificação.

de energia hidroeléctrica, que substituiu progressivamente a das centrais térmicas, e pelo aumento dos óleos, combustíveis e lubrificantes, que fora aliás paralelo à regressão das compras de gasolina e de petróleo, e que se filia por certo na criação da refinaria nacional.

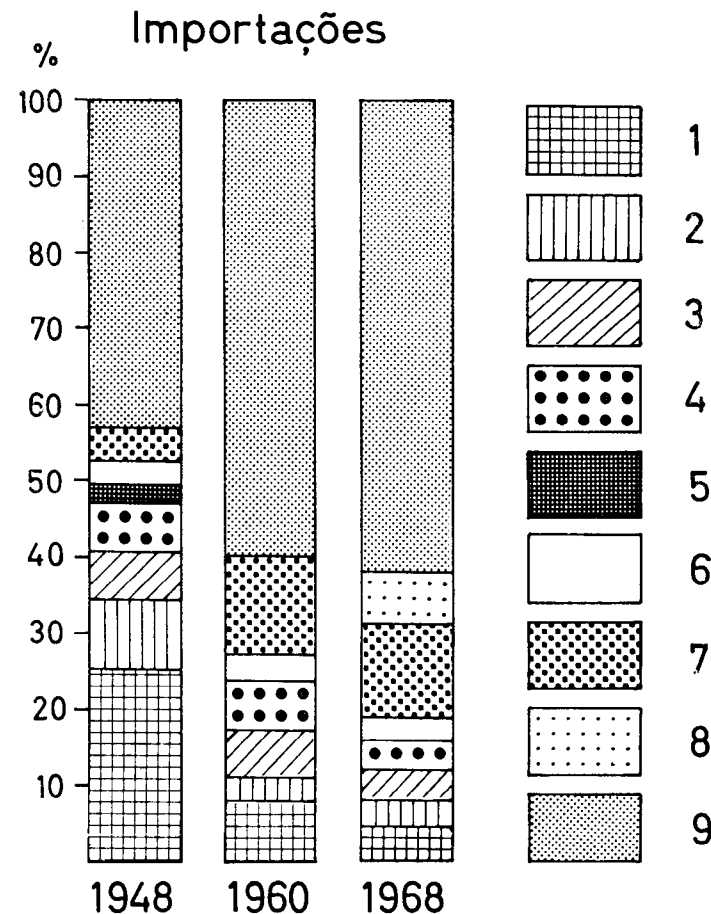


Fig. 5 — Principais artigos. 1 — Hulha; 2 — trigo; 3 — fosfatos naturais; 4 — ferro e aço em bruto; 5 — gasolina; 6 — açúcar; 7 — óleos, lubrificantes e combustíveis; 8 — milho em grão; 9 — outros.

O confronto destes valores com os de 1968 permite salientar o grande aumento das compras de milho em grão, possivelmente devido à preparação crescente de alimentos de animais (desenvolvimento da pecuária e multiplicação dos aviários); de gasolina, que revelou a incapacidade de aquela refinaria acompanhar a dilatação da procura, essencialmente

interna — circulação automóvel ^(*) e aviação —, o que justifica a criação de outras, no Porto e em Sines; de papel para jornais (consumo crescente destes); de automóveis de carga e de passageiros; de sementes oleaginosas; e ainda a de fios de seda e de fibras artificiais ou sintéticas e de lã em rama, que revelam a expansão económica recente da indústria têxtil nacional, favorecida nos mercados da EFTA pela Convenção de Estocolmo, quando as empresas dispõem de níveis de equipamento e de produtividade capazes de permitir preços competitivos.

Em resumo, de 1938 a 1968, a evolução das principais mercadorias importadas (em toneladas) (fig. 5) traduz-se por:

- aumentos muito acentuados das de óleos, lubrificantes e combustíveis, gasolina, automóveis, materiais da indústria têxtil, papel para jornais, sementes oleaginosas, açúcar e milho;
- aumentos moderados e graduais das de folha-de-flandres, fosfatos, lã e algodão, café e tabaco;
- aumentos, com ritmos variados, das de trapo, massas para papel, ferro, madeiras e trigo;
- grandes decréscimos das de hulha, antracite e petróleo;
- decréscimo mais modesto das de bacalhau.

A análise da variação média anual referida igualmente aos períodos que têm como limites os anos de 1938, 1948, 1960 e 1968 permite evidenciar evoluções complexas, com mudança de sinal — milho, gasolina, petróleo, papel de jornal —, e outras com variações brutas de intensidade — trapo, madeira, fibras têxteis, etc., como se verifica no quadro II.

COMPOSIÇÃO ACTUAL DAS CORRENTES COMERCIAIS

Por grandes grupos. Da figura 6 e do quadro III se infere o lugar proeminente dos fornecimentos industriais (cerca de quatro quintos do peso das importações e cinco sétimos do das exportações; cerca de metade e um pouco menos, quanto ao valor daquelas) e a modéstia do relativo a bens de equipamento e de consumo, quando consideramos o peso, situação que se não verifica no valor dos bens de consumo exportados e importados.

A análise da balança comercial, de 1970, dos grandes grupos revela por sua vez:

- o défice correspondente a fornecimentos industriais, que são 50 p. 100 mais elevados do que o peso das exportações correspondentes;
- o défice dos bens de equipamento, que foi de 60 p. 100 do peso das exportações;

^(*) Coincide com o desenvolvimento dos fluxos turísticos de proveniência europeia e com a expansão espectacular da emigração de trabalhadores portugueses para a França e Alemanha.

- o défice dos produtos alimentares e bebidas, que foi de 32 p. 100;
- o único saldo da balança comercial, que diz respeito a bens de consumo (40 p. 100).

QUADRO II

Variação média anual (toneladas)
(em percentagens)

Mercadorias importadas	1938-1948	1948-1960	1960-1968
Lã em rama de toda a espécie	0,67	12,0	10,2
Algodão em caroço, rama ou cardado	0,15	6,2	7,3
Madeira em bruto	(-0,37)	32,2	8,1
Sementes oleaginosas	1,8	1,3	10,8
Trapo, massas para papel	0,08	21,9	(-47)
Antracite	(-8,6)	(-4,9)	0,75
Hulha	(-2)	(-4,6)	1,4
Fosfatos	5,8	2,2	2,1
Gasolina	1,3	(-6,4)	117,4
Petróleo	1,8	(-3,7)	(-10,0)
Óleos, lubrificantes e combustíveis	7,6	29,3	7,7
Ferro ou aço em bruto	8,5	5,8	(-0,9)
Folha-de-flandres	—	2,3	6,1
Fios de seda e fibras artificiais ou sintéticas	(-1,2)	(-26,8)	(-31,0)
Milho em grão	(-1,7)	(-5,5)	274,9
Trigo em grão	1,3	(-4,5)	1,2
Bacalhau	(-2,9)	(-1,9)	(-3,5)
Açúcar	1,7	3,4	9,8
Café	6	0,4	5,7
Automóveis de carga (número)	40,1	2,2	21,8
Automóveis de passageiros (número)	(a) 25,4	3,9	12,5
Papel para jornais	4,1	(-1,9)	40,7
Tabaco em folha e em rolo	8,9	1,0	4,8

(a) Sugere o investimento das fortunas criadas durante a guerra em função dela.

A análise da balança de pagamentos correspondente revela:

- a) défices muito elevados nos bens de equipamento, sendo apenas 18 p. 100 das compras compensados pelas vendas;
- b) défices muito elevados quanto a fornecimentos industriais não comestíveis, pagando as exportações somente cerca de metade das importações;

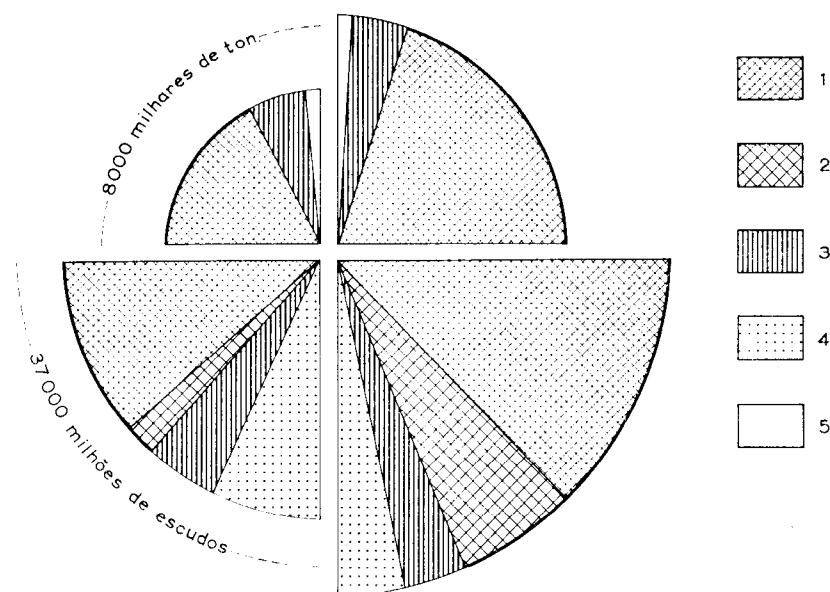


Fig. 6 — Composição do comércio externo segundo as Grandes Categorias Económicas. 1 — Fornecimentos industriais (não comestíveis); 2 — bens de equipamento; 3 — produtos alimentares e bebidas; 4 — bens de consumo (não comestíveis); 5 — artigos não especificados.

QUADRO III

	1969				1970			
	Milhares de toneladas	%	Milhões de escudos	%	Milhares de toneladas	%	Milhões de escudos	%
Importações:								
Produtos alimentares e bebidas	1 471	18,5	5 096	13,7	1 512	16,5	5 638	12,4
Fornecimentos industriais	5 926	74,6	18 317	49,2	7 366	80,1	23 040	50,7
Bens de equipamento	158	2,0	8 401	22,5	161	1,8	10 661	23,4
Bens de consumo	385	4,9	5 442	14,6	150	1,6	6 067	13,3
Exportações:								
Produtos alimentares e bebidas	1 041	28,8	5 818	21,1	1 036	23,7	5 403	19,8
Fornecimentos industriais	2 447	67,6	11 166	45,5	3 047	69,7	12 263	44,9
Bens de equipamento	39	1,1	1 484	6,1	47	1,1	1 882	6,9
Bens de consumo	91	2,5	6 345	25,9	240	5,5	7 361	27,0

c) déficit modesto no comércio de produtos alimentares e bebidas;
d) saldo modesto no dos bens de consumo não comestíveis.

Em resumo, quase dois terços das importações são constituídos por fornecimentos industriais não comestíveis (com predomínio dos artigos semiacabados de origem não agrícola — 22,6 p. 100) e por bens de equipamento; e quase um meio das exportações é constituído por bens de consumo não comestíveis e produtos alimentares e bebidas; porém, os fornecimentos industriais não comestíveis representam só por si 45 p. 100 das exportações, embora predominem os artigos semiacabados de origem agrícola (23,2 p. 100).

Artigos predominantes (1970)

Artigos exportados (quadro IV). Predominam as bebidas, mas não as de preço elevado, pois há grande diferença entre os valores percentuais de peso e de custo; e ainda madeiras, pasta de celulose e papel. Como artigos de valor específico elevado (¹⁰) distinguem-se a cortiça e obras de cortiça, as conservas de peixe, os fios de algodão, e também as matérias-primas para o fabrico do papel, o concentrado de tomate e alguns produtos da indústria química. E de valor específico baixo, a exportação de adubos, cimento, ferro fundido, sal, enxofre, etc.

Do mesmo quadro ressalta a orientação preferencial das vendas não para o Ultramar, mas sim para o estrangeiro, com excepção do ferro fundido e do aço, do papel e dos artigos de algodão. O ultramar constitui, no entanto, um bom mercado para os vinhos, os combustíveis, os produtos químicos inorgânicos e os adubos.

Artigos importados (quadro V). Em posição cimeira figuram os combustíveis e óleos minerais. Com fraca representatividade no peso mas elevada no custo figuram as caldeiras, máquinas e aparelhos diversos, os automóveis e tractores, e ainda o ferro, o algodão, os plásticos. Em situação inversa encontram-se os cereais, e em situação de equilíbrio as fibras têxteis vegetais.

A grande maioria dos artigos é fornecida pelo estrangeiro; o Ultramar figura somente como importante fornecedor de açúcar, minérios metalúrgicos, madeiras e algodão.

Artigos importados em regime especial (draubaque). Estas importações valeram cerca de meio milhão de contos e são constituídas predominantemente por fibras (35,3 p. 100), tecidos (17,4 p. 100), produtos para moldação (16,7 p. 100) e folha-de-flandres (12,1 p. 100). Como fornecedores principais distinguem-se a Alemanha (30,8 p. 100), o Japão (9,3 p. 100), o Reino Unido (9,2 p. 100), os E. U. A. (5,5 p. 100), a Holanda (5,5 p. 100), a Espanha (4,8 p. 100) e a Áustria (4,7 p. 100).

(¹⁰) Percentagem em toneladas inferior à percentagem em contos.

QUADRO IV
Principais artigos exportados (1970)

Rubricas	Peso			Valor				
	Total (milhares de toneladas)	Porcentagem em relação ao total das exportações	Porcentagem para as províncias ultramarinas	Porcentagem para o estrangeiro	Total (milhares de escudos)	Porcentagem em relação ao total das exportações	Porcentagem para as províncias ultramarinas	Porcentagem para o estrangeiro
Preparados de carne, peixe, etc.	47	1,02	8,6	91,4	1 088	3,9	4,9	95,1
Preparados de produtos hortícolas, etc.	149	3,6	2,6	97,4	1 049	3,8	3,8	96,2
Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	713	16,2	17,2	82,8	2 022	7,4	38,3	61,7
Sal, enxofre, terras e pedras, etc.	653	15	9,6	90,4	339	1,2	11,5	88,5
Combustíveis minerais, etc.	649	14,8	15,4	84,6	630	2,3	21,2	78,8
Produtos químicos inorgânicos	86	1,9	29,6	70,4	112	0,4	41,9	57,1
Adubos	204	4,6	26,2	73,8	226	0,8	32,7	67,3
Produtos diversos da indústria química	93	2,1	1,1	98,9	770	2,8	2,4	97,5
Madeira, carvão vegetal, etc.	530	12	5	95	980	3,6	8,8	91,2
Cortiça e obras de cortiça	133	3	4,7	95,3	1 669	6	0,5	99,5
Matérias-primas para o fabrico de papel	340	7,7	0,1	99,9	1 362	4,9	0,2	99,8
Papel, cartolina e cartão, pasta de celulose, etc.	48	1,09	76,5	23,5	263	0,9	53,7	46,3
Algodão	38	0,8	24,5	75,5	2 014	7,3	35,7	64,3
Pastas e feltros, cordame, etc.	52	1,1	2,9	97,1	625	2,2	12,1	87,9
Obras de pedra, gesso, cimento, etc.	147	3,5	0,6	99,4	205	0,7	13,1	86,9
Vidros e suas obras	508	11,6	32	68	327	1,2	6,5	93,5
Ferro fundido, ferro macio e aço	673	15,4	52,8	47,2	556	2	52,5	47,5

QUADRO V
Principais artigos importados (1970)

Rubricas	Peso			Valor				
	Total (milhares de toneladas)	Porcentagem em relação ao total das exportações	Porcentagem para as províncias ultramarinas	Porcentagem para o estrangeiro	Total (milhares de escudos)	Porcentagem em relação ao total das exportações	Porcentagem para as províncias ultramarinas	Porcentagem para o estrangeiro
Cereais	797	8,7	15,5	84,5	1 636	3,6	15,4	84,6
Sementes e frutos oleaginosos	174	1,9	37,6	62,4	741	1,6	35,9	64,1
Açúcar e doces	273	2,9	69	31	875	1,9	76	23
Sal, enxofre, terras e pedras, etc.	365	3,9	3,7	94,2	266	0,5	4,7	95,3
Minérios metalúrgicos	198	2,1	80,1	19,9	102	0,2	75,7	24,3
Adubos	96	1	0,1	99,9	165	0,3	0,06	99,0
Matérias plásticas artificiais	95	1	0,05	99,9	1 210	2,8	0,4	99,5
Madeira, carvão vegetal, etc.	179	1,9	63	37	406	0,8	60	39,9
Algodão	95	1	71,2	28,7	1 960	4,3	61,9	38,1
Outras fibras têxteis vegetais	83	0,9	44,2	55,7	449	0,9	34,9	65
Ferro fundido, ferro macio, aço	486	5	0,6	99,4	2 939	6,4	0,6	99,4
Caldeiras, máquinas, aparelhos	83	0,9	0,05	99,9	6 222	13,6	0,04	99,9
Combustíveis minerais, óleos minerais	5 300	57,6	3,3	96,7	4 173	9,2	2,3	97,7
Automóveis, tractores, velocípedes, etc.	92	0,9	0,1	99,9	3 926	8,6	0,1	99,8

A Alemanha fornece essencialmente fios e fibras (56,2 p. 100 do valor das vendas em regime especial), tal como a Holanda (80 p. 100) e a Áustria (76,3 p. 100). O Reino Unido é o grande fornecedor de folha-de-flandres (43,2 p. 100), o Japão, o de produtos para moldação (67 p. 100), tal como a Espanha (55,4 p. 100); os E. U. A. fornecem artigos diversos — tecidos (35,3 p. 100), produtos para moldação (23,7 p. 100), fios e fibras (16,1 p. 100) e folha-de-flandres (11,6 p. 100).

RELAÇÕES ESPACIAIS (1970)

As grandes correntes comerciais. Da figura 7 destacam-se as posições do Ultramar, do Mercado Comum Europeu (C. E. E.)⁽¹¹⁾ e da Associação Europeia do Comércio Livre (E. F. T. A.)⁽¹²⁾, nelas se distinguindo ainda as da Alemanha, França e Reino Unido.

A evolução entre 1960 e 1970, respeitante às importações, permitiu a afirmação da posição dos países membros da E. F. T. A. em relação aos da C. E. E., em especial a do Reino Unido em relação à da Alemanha e à da França (ritmos de acréscimo percentual desiguais); e o desenvolvimento comparativamente retardado dos fornecimentos do Ultramar, bem como dos dos E. U. A., que igualmente perderam posição relativa quanto ao Reino Unido e à Alemanha, não obstante assegurarem crescentes importações globais e percentuais, a que não devem ser indiferentes as negociações do G. A. T. T.⁽¹³⁾.

Semelhante análise referente às exportações revela o grande desenvolvimento dos mercados ultramarinos e dos da E. F. T. A. em relação aos da C. E. E.; ao mesmo tempo a atrofia do predomínio dos do Reino Unido entre os países membros da E. F. T. A. e dos da Alemanha em relação ao mercado francês, no âmbito da C. E. E. Nos últimos anos a evolução foi particularmente favorável às exportações para a C. E. E., nomeadamente para a Alemanha, em detrimento dos ritmos de desenvolvimento dos mercados do Reino Unido e dos Estados Unidos.

As figuras 9 e 10, representativas dos países que mantêm transacções comerciais de certo interesse com Portugal, salientam a europeização do nosso comércio externo, através da densidade espacial das esferas e dos respectivos volumes.

(11) A C. E. E. derivou (1962) da C. E. C. A. pelo estreitamento das relações económicas entre os seis países membros (França, Alemanha Ocidental, Bélgica, Luxemburgo, Holanda e Itália), segundo o tratado de Roma de 1957. Recentemente o espaço e a dimensão demográfica e económica desta associação tendem a dilatar-se (negociações em curso para entrada da Inglaterra, da Irlanda, da Dinamarca e da Noruega).

(12) Data de 1959 e abrange a Grã-Bretanha, a Dinamarca, a Noruega, a Suécia, a Suíça e a Áustria. Criada como resposta à C. E. C. A., ela tem visado somente a desmobilização aduaneira progressiva entre os países membros, enquanto se programa no âmbito da C. E. E. a livre circulação de mercadorias, pessoas e capitais.

(13) Acordo Geral sobre Pautas Aduaneiras e Comércio. Data de 1947, abrange a maior parte dos países do mundo e visa suprimir as restrições discriminatórias nas trocas internacionais. A concretização deste objectivo acelerou-se em 1964, quando os direitos alfandegários dos produtos industriais e agrícolas foram reduzidos em 35 p. 100. No entanto, pelas negociações que a permitiram (Kennedy Round), admitiram-se numerosas excepções. Veja-se, de ARMANDO CASTRO, *Estudos de Economia Teórica e Aplicada*, colecção «Seara Nova», Lisboa, 1968, 350 pp.

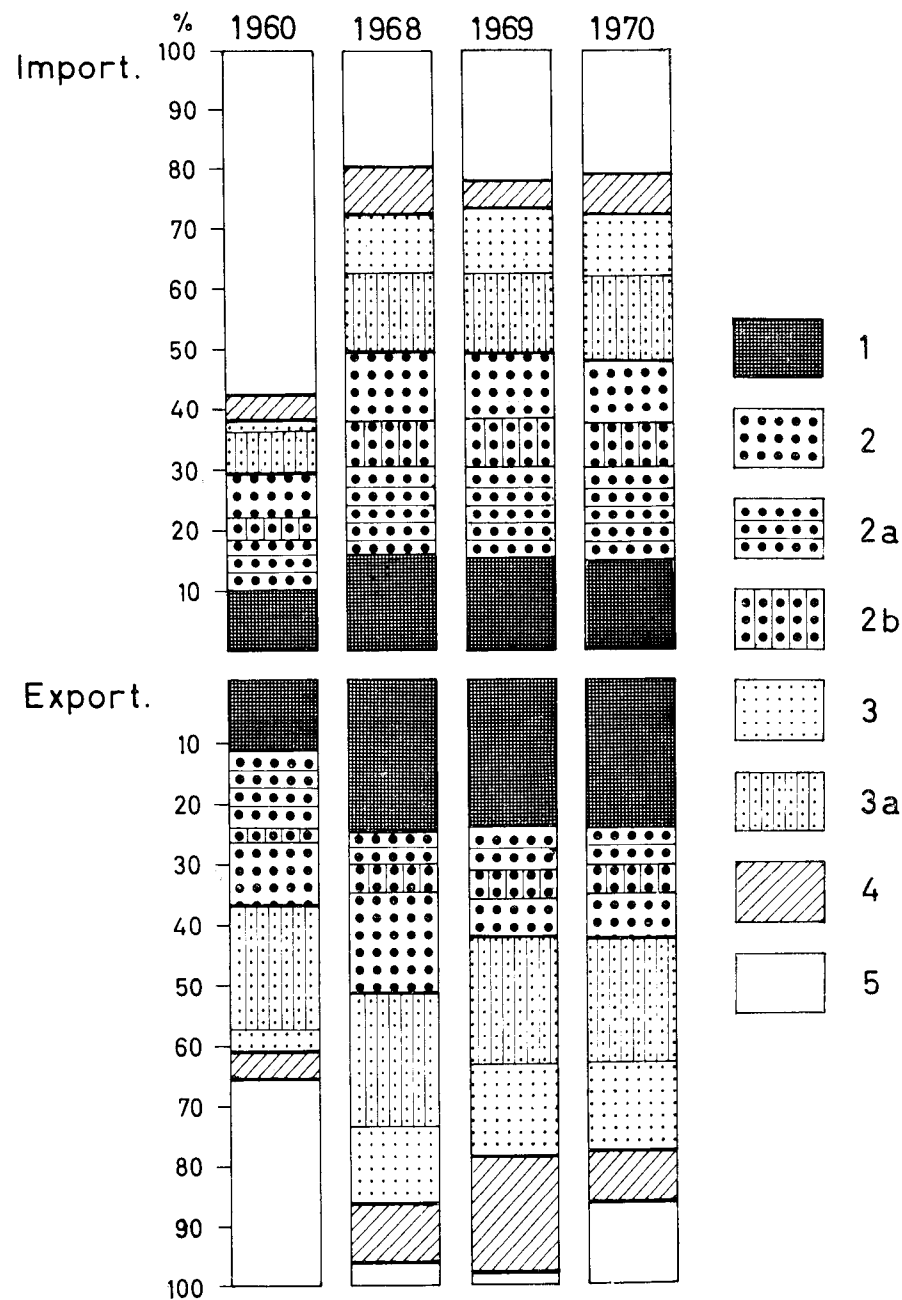


Fig. 7 — As grandes correntes comerciais. 1 — Ultramar; 2 — C. E. E.; 2a — Alemanha; 2b — França; 3 — E. F. T. A.; 3a — Reino Unido; 4 — Estados Unidos da América; 5 — outros.

As relações comerciais com o Ultramar. A apreciação das trocas comerciais entre a Metrópole e o Ultramar, em 1970 (fig. 8), permite sublinhar o conjunto constituído por Angola e Moçambique, a que correspondem 94,1 p. 100 das compras feitas pela Metrópole às províncias ultramarinas e 87,9 p. 100 das respectivas vendas, em relação com a dimensão económica e demográfica destas: e ainda a posição

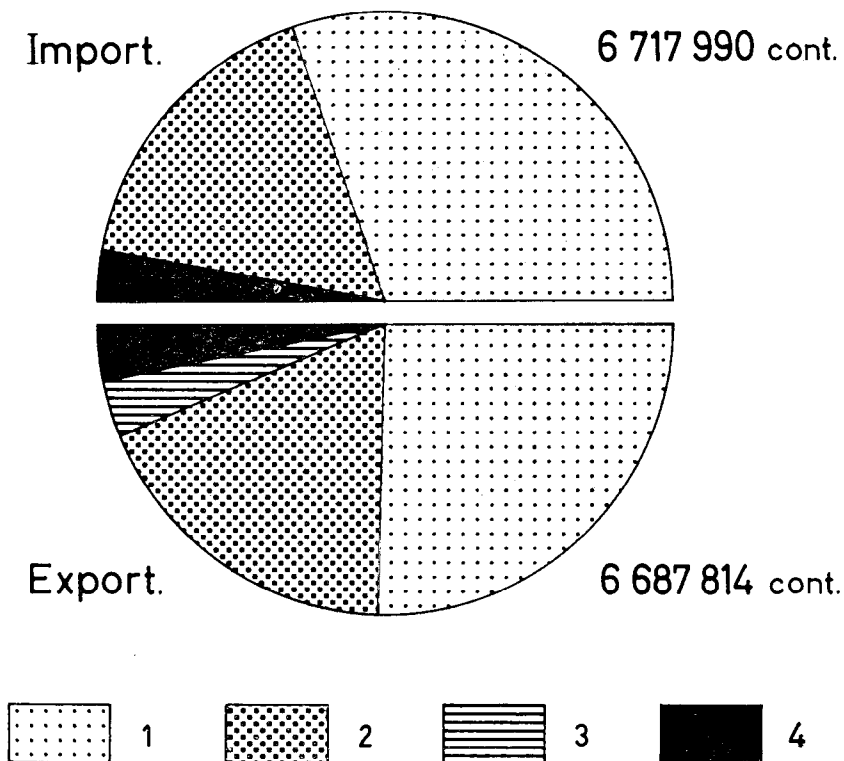


Fig. 8 — As relações comerciais de Portugal com as províncias ultramarinas. 1 — Angola; 2 — Moçambique; 3 — Guiné; 4 — Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor.

predominante de Angola, a que correspondem 65,7 p. 100 e 51 p. 100, respectivamente. As balanças comerciais destas duas grandes províncias são porém desiguais: Angola beneficiou de um saldo da ordem dum milhão de contos e Moçambique sofreu um défice de cerca de 500 mil contos. Também Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné e Timor apresentam défices; a única excepção, entre as províncias pequenas, é constituída por Macau, ao que não deve ser indiferente a situação geográfica⁽¹⁴⁾ e o desenvolvimento recente das actividades secundárias da província.

⁽¹⁴⁾ Veja, de ISABEL MARQUES MEDEIROS, «Ultramar: Macau», *Finisterra*, v, 9, Lisboa, 1970 pp. 139-152.

No volume e no valor das exportações metropolitanas predominam os vinhos, os tecidos, o azeite e os medicamentos; nos das importações, o açúcar, o café, o algodão, o sisal, as farinhas de peixe e os diamantes. O seu destino e a sua proveniência, conhecidos em geral, podem ser quantitativamente extraídos do quadro VI.

QUADRO VI

Percentagem do produto (valor) nas transacções das principais províncias fornecedoras e compradoras

	Importado de	%
Açúcar	Moçambique	48,0
Café	Angola	45,5
	Timor	62,8
Algodão	Moçambique	41,1
	Angola	9,6
Sisal	Angola	2,6
	Moçambique	20,8
Farinha de peixe	Angola	2,4
	Exportados para	
Vinho	Angola	10,6
	Moçambique	52,7
	S. Tomé e Príncipe	63,9
Azeite	Angola	29,2
Tecidos	Moçambique	96,2
	Angola	66,0
	Guiné	56,0
	Cabo Verde	55,3

A estrutura dos fluxos comerciais, por países (1970)⁽¹⁵⁾. Os números que se seguem dizem apenas respeito a um ano, o de 1970 (fig. 8 e 9). Ora o ano de 1971 caracterizou-se por uma grave crise monetária internacional, que foi parcialmente resolvida no último Dezembro, pela desvalorização do dólar e pela valorização de algumas outras moedas, entre elas (por ordem crescente) a coroa sueca, o franco francês, a libra, a lira, o franco belga e por fim o marco e o iene. Elas pertencem (com excepção do iene) a países fundamentais nas transacções comerciais de Portugal (fig. 9 e 10) e, teoricamente, traduzir-

⁽¹⁵⁾ As percentagens foram calculadas pela relação entre o valor de um determinado artigo comprado e exportado por um país e o valor global das suas compras e vendas, nas transacções com Portugal. Os artigos são indicados por ordem decrescente de valor relativo.



Fig. 9 — Principais países fornecedores de artigos do Comércio Especial de Portugal (1970).

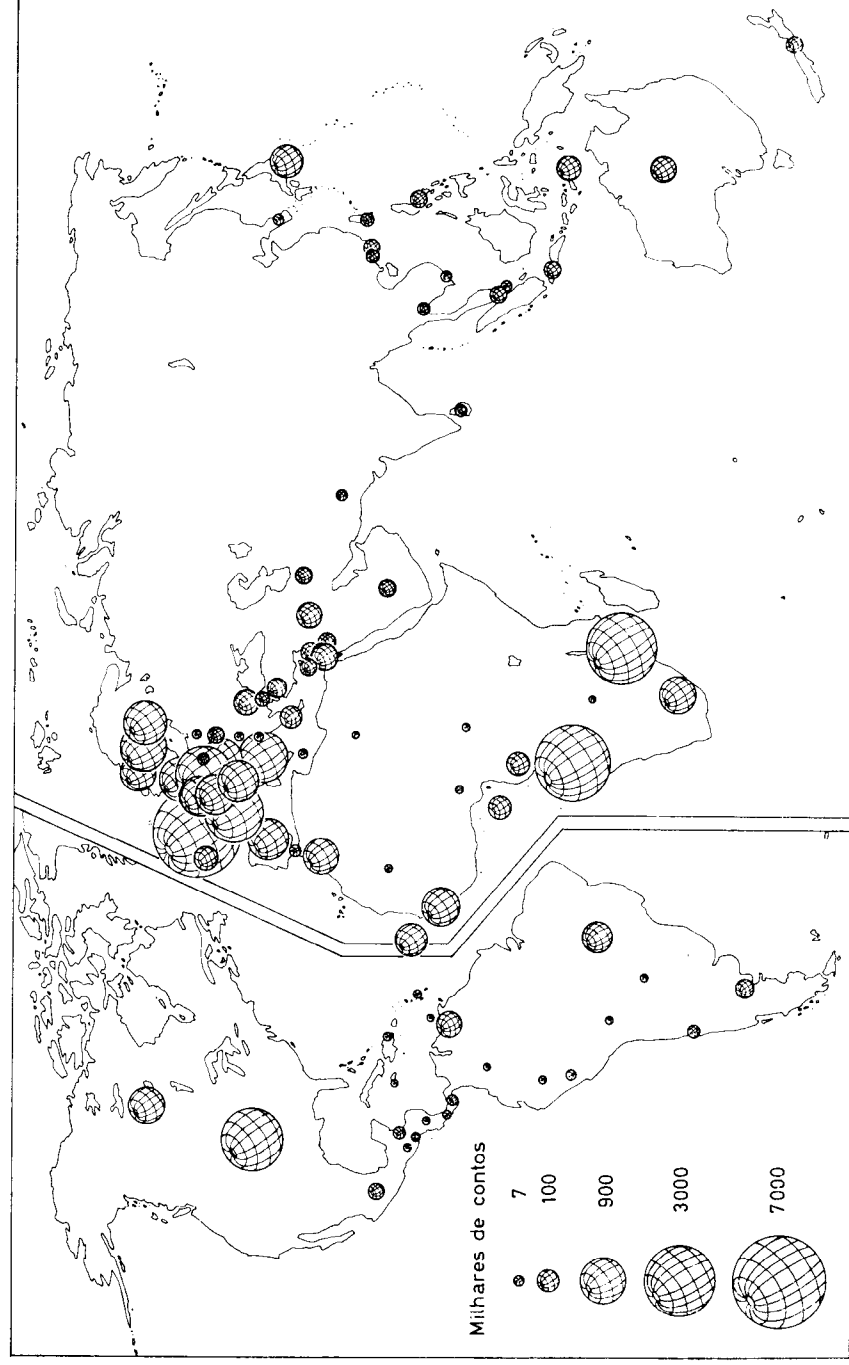


Fig. 10 — Principais países compradores de artigos do Comércio Especial de Portugal (1970).

-se-ão no abaixamento (desigual, em função das taxas de valorização) dos custos das mercadorias exportadas, bem como na elevação dos das importadas pela Metrópole. Uma nova dimensão do comércio externo — redução das importações e aumento das exportações —, algumas mudanças da composição dos fluxos e uma nova diferenciação espacial serão possivelmente os aspectos mais notórios num confronto dos dados seguintes com os que irão sendo apresentados durante 1972. Muito provavelmente ela reflectirá também os êxitos e os fracassos das negociações que decorrem, em Bruxelas, entre a C. E. E. dilatada e os países da E. F. T. A. não integrados nela, como é o caso de Portugal.

Países europeus. Os países europeus são grandes fornecedores de máquinas, materiais para a indústria têxtil, produtos alimentares e medicamentos. Compram, por sua vez, concentrado de tomate, vinhos, conservas de sardinha, cortiça e seus derivados, artigos de vestuário e calçado, pasta para papel, etc.

A Alemanha forneceu, predominantemente, automóveis desmontados (9,3 p. 100 do valor global das vendas a Portugal) e medicamentos e recebeu pez louro (13,3 p. 100), cortiça em rolas (7,2 p. 100), pasta para fabrico de papel, conservas de sardinha e roupas interiores de algodão.

A França forneceu também, predominantemente, trigo (4,8 p. 100), auto-ônibus (12 p. 100), máquinas escavadoras, folha de cobre e gás butano e recebeu pasta para papel (21 p. 100), vinho do Porto (15,6 p. 100), rolas de cortiça (7,7 p. 100) e conservas de sardinha.

O Benelux figurou, sobretudo, como fornecedor de cobre em bruto (7,6 p. 100), barras de ferro e tractores e como comprador de pirites não ustuladas (12 p. 100), pasta para fabrico de papel (10,6 p. 100), conservas de cavalas (7,5 p. 100), de sardinhas em azcote, outras de tomate pelado, além do vinho do Porto.

A Holanda vendeu a Portugal combustíveis, nomeadamente gasosos, mas sob a forma líquida, e látex de borracha sintética e comprou pez louro (10,2 p. 100), pasta para papel (9,5 p. 100), volframite (7,6 p. 100), óleo de soja, concentrado de tomate, vinho do Porto e gasóleo.

A Itália forneceu ambulâncias (7,6 p. 100), frigoríficos (5,4 p. 100), artigos da indústria metalomecânica e folhas e tiras de cobre e comprou pasta para papel (12,1 p. 100), conservas de cavala (8,7 p. 100), mármore em bruto (7,9 p. 100), rolas de cortiça (7 p. 100), concentrado de tomate, peixe fresco, conservas de sardinha, toros de eucalipto e pez louro.

Assim como nas transacções com a C. E. E. sobressairam as referentes à Alemanha e à França, muito embora os outros países membros figurem sempre em posição destacada entre os fornecedores e compradores de mercadorias a Portugal, nos da E. F. T. A. há a salientar o Reino Unido. Este vendeu sobretudo artigos da indústria metalomecânica (13 p. 100), fibras sintéticas, óleos e lubrificantes e recebeu em troca diamantes não industriais (23,4 p. 100), concentrado de tomate

(5,4 p. 100), conservas de sardinha, vinho do Porto, madeira e seus derivados, artigos de vestuário interior e exterior, volframite, etc.

A Áustria distinguiu-se pelo fornecimento de aparelhos televisores (18,6 p. 100) e de fibras têxteis e pelo recebimento de aparelhos televisores (10,7 p. 100), rolas de cortiça (7,5 p. 100), aglomerados de cortiça, pez louro, roupas de algodão, etc.

A Irlanda ofereceu o seu mercado aos fios de algodão cardado, que representaram 43,4 p. 100 das suas compras a Portugal; a Islândia distinguiu-se no fornecimento de bacalhau verde (87 p. 100); a Noruega no de bacalhau seco (23,1 p. 100), compensado em parte pelas compras de vestuário de algodão, concentrado de tomate e calçado; a Dinamarca vendeu também importantes quantidades de bacalhau verde (17,9 p. 100) e de carne de porco, que em parte foram pagas pelas exportações de fios de algodão (12 p. 100), vinho tinto (5,5 p. 100), vinho do Porto, tecidos e calçado; a Suécia forneceu automóveis (7,5 p. 100), papel de impressão comum (5,5 p. 100) e chapas de ferro e recebeu vestuário de seda e de algodão (18 p. 100), fios têxteis e tecidos. No caso da Finlândia, são de destacar as importações de fios de algodão cardados (12,2 p. 100) e de vestuário exterior de algodão (9,3 p. 100) e de seda fabricado em Portugal, contra máquinas e aparelhos para o fabrico de pasta de papel (24,2 p. 100), papel comum e Kraft e óxido de titânio. A posição da Suíça deve-se sobretudo ao fornecimento a Portugal de medicamentos (9,8 p. 100) e fibras têxteis sintéticas (7,9 p. 100) e à compra de cortiça, que representou cerca de 10 p. 100 do valor global, de sardinhas em conserva, de concentrado de tomate, de vinho tinto e de vestuário de seda e algodão.

A Jugoslávia foi um bom comprador de madeira em bruto (51,8 p. 100); a Hungria, de cortiça em prancha (88,8 p. 100), tal como a Checoslováquia (19,2 p. 100), que recebeu igualmente pez louro (11,4 p. 100) e volframite (12,8 p. 100). A Roménia comprou sobretudo cortiça em prancha (69,3 p. 100), e a Grécia vendeu muito algodão em bruto (60 p. 100).

Países americanos. Como fornecedores específicos distinguem-se a Colômbia, pelo algodão em rama (99,6 p. 100), o México, pelo chumbo (79,4 p. 100), a Argentina, pelo milho (46,2 p. 100), o Peru, pelos desperdícios de chumbo (43,5 p. 100) e algodão em bruto (42,9 p. 100), o Curaçau, pela gasolina (34,6 p. 100) e o Canadá pelos materiais de cobre (33,9 p. 100). Os outros fornecedores revelam-se menos especializados, à imagem dos europeus, mas entre as compras que lhes são feitas por Portugal evidenciam-se algumas: é o caso do milho (17,7 p. 100), do sisal (8,4 p. 100), da soja (7,3 p. 100) e da madeira (16,4 p. 100) fornecidos pelo Brasil e o do trigo (15,8 p. 100), do milho (7,4 p. 100) e das aeronaves (15 p. 100) provenientes dos Estados Unidos da América.

As vendas feitas por Portugal a estes países são muito mais heterogêneas: o México comprou especialmente cortiça em bruto (42,8 p. 100), aparas finas de cortiça (12,1 p. 100) e geradores

(11,1 p. 100); a Argentina distingue-se também pela importação de cortiça em prancha (33 p. 100), e ainda pelas de pasta para papel (24,5 p. 100) e de pez louro (16,4 p. 100); o Brasil, pelas de azeite com acidez (15 p. 100), adubos fosfatados (13,2 p. 100) e pez louro (9,7 p. 100); a Venezuela, pelas de azeite com acidez (11,6 p. 100) e cortiça em bruto (9,7 p. 100). Nos fluxos dirigidos para a América do Norte sobressaem o concentrado de tomate (27,5 p. 100 das compras canadenses e 9 p. 100 das estado-unidenses), os vinhos (E. U. A., 10 p. 100) e as lâmpadas (artefactos) (E. U. A., 6,5 p. 100).

Países africanos. As transacções com estes países são modestas e fragmentadas, já porque uns são concorrentes das produções primárias portuguesas, outros têm modesto poder de compra, outros ainda afastam-se politicamente. Por tudo isso, as vendas quase se reduzem, no caso da Libéria, a embarcações (98 p. 100); no da República Democrática do Congo, às conservas de cavala (44 p. 100) de baixo preço, tal como as de carapau (15 p. 100); no da Nigéria, a adubos (42,6 p. 100); e no de Marrocos, a tecidos para pneus (27 p. 100) e a madeiras resinosas (20,6 p. 100).

A estrutura das compras feitas por Portugal a estes países não é porém mais diversificada: embarcações da Mauritània (99,9 p. 100), algodão em rama do Sudão (98,8 p. 100) e da R. A. U. (69,8 p. 100), cobre da República Democrática do Congo (97,8 p. 100), sementes de amendoim da Nigéria (71,4 p. 100) e da República da África do Sul (18 p. 100), fosfatos de Marrocos (71,4 p. 100) e lã em rama da República da África do Sul.

Países asiáticos. Os países do Próximo Oriente são essencialmente fornecedores de petróleo, como é o caso da Arábia Saudita (100 p. 100), do Irão (57,7 p. 100), do Iraque (100 p. 100) e do Líbano (93 p. 100). Israel distingue-se pelas vendas de algodão (40,9 p. 100) e de compostos azotados (26 p. 100) e a Síria pela de cevada (100 p. 100).

No Extremo Oriente, a Índia figura como fornecedora de cairo (75,7 p. 100); Hong-Kong, de telefones (33 p. 100); a China continental, de cerdas (53,4 p. 100); Ceilão, de coco ralado (60,8 p. 100) e espadana (29 p. 100); Indonésia, de óleo de palma (77,8 p. 100); Malásia, de borracha (38,8 p. 100) e de óleo de palma (29,1 p. 100); Paquistão, de juta em bruto (95,9 p. 100); Tailândia, de juta (57,2 p. 100) e de borracha (20,7 p. 100).

As Filipinas forneceram sobretudo tabaco (83,5 p. 100), o Japão, artigos da indústria metalomecânica, nomeadamente rolos de chapa (13,7 p. 100), veículos de transporte de pessoas (13,2 p. 100) e embarcações (7,7 p. 100).

A estrutura das exportações portuguesas para os países da Ásia é um pouco mais diversificada. Os países do Próximo Oriente são essencialmente compradores de madeiras resinosas — Israel (86 p. 100), Iraque (39 p. 100), Irão (32 p. 100), Líbano (26 p. 100) —, mas compram também algumas conservas de peixe, nomeadamente de carapau

— caso da Jordânia (50 p. 100) — e artigos de cordoaria — caso de Israel (11 p. 100).

A Austrália, a Nova Zelândia e o Japão procuram em Portugal cortiça (Japão, 23 p. 100, sendo 14 p. 100 em prancha); rolhas de cortiça (Austrália, 20 p. 100, Nova Zelândia, 18 p. 100, Tailândia, 32 p. 100). É de salientar a exportação de pez louro para o Japão (10 p. 100), Austrália (4,8 p. 100) e Filipinas (18 p. 100); e ainda as de conservas de sardinha para as Filipinas (18 p. 100), de óleos de eucalipto para o Vietname do Sul (25 p. 100), que comprou também lixa (25 p. 100), e de peças para aparelhos telefónicos, para Singapura (20 p. 100).

IMPORTANCIA DOS TRANSPORTES MARÍTIMOS NO COMÉRCIO EXTERNO. OS PORTOS DE LISBOA E DE LEIXÕES

Os transportes e as importações. As importações do continente, que ultrapassam os 8 milhões de toneladas e os 44 milhões de contos, realizam-se sobretudo por via marítima: 97,4 p. 100 do peso e 71 p. 100 do valor em 1969. Ao porto de Lisboa couberam 60,6 p. 100 e 43,7 p. 100, respectivamente, e ao de Leixões 34,5 p. 100 e 22,5 p. 100. A contribuição dos transportes terrestres foi insignificante: por eles foram recebidos apenas 2,6 p. 100 da quantidade total de mercadorias importadas, correspondentes a 15,1 p. 100 do valor. São ainda as vias rodoviárias e ferroviárias as mais importantes — 1,3 p. 100 e 1,2 p. 100 das toneladas, pois a circulação fluvial deixou de ter qualquer significado económico. A via aérea parece desempenhar uma função de certo relevo na importação de artigos caros, capazes de suportarem as suas taxas, pois, tendo-lhe correspondido 0,3 p. 100 do peso dos artigos importados, o valor destes representou cerca de um décimo do valor global (10,7 p. 100).

Os transportes e as exportações. São igualmente os transportes marítimos que mais interessam às exportações: 82,2 p. 100 do peso total contra 6,8 p. 100 movimentado pelos terrestres e 0,17 p. 100 pelos aéreos. É porém, neste outro aspecto, menor a concentração portuária: ao porto de Lisboa couberam 33,2 p. 100 das toneladas exportadas e 34,3 p. 100 do seu valor e ao de Leixões 32,5 e 37,5 p. 100, respectivamente. Em conjunto, e em equilíbrio, eles asseguraram dois terços das vendas ao exterior, mas 95 p. 100 das compras com proveniência externa.

Correlativamente, foi muito superior o contributo dos pequenos portos no que respeita às vendas das produções regionais do que às compras para consumo, o que indica, por sua vez, uma maior concentração regional deste e a diferença da natureza das mercadorias entradas e saídas. Foi também muito superior a função dos transportes terrestres — 6,8 p. 100 do peso das mercadorias exportadas e 4,9 p. 100 do valor, o que leva a admitir a veiculação de artigos baratos mas pesados, estrutura que parece ser inversa da correspondente às importações. Como as estatísticas correspondentes permitem salientar,

no caso das exportações, a função da via fluvial (3,9 p. 100 e 0,5 p. 100, respectivamente) supomos correlacionar-se com os carregamentos feitos no estuário do Tejo com o auxílio das fragatas; ou com o movimento de fronteira no Guadiana. Trata-se, em qualquer dos casos, de artigos de baixo valor médio, entre os quais provavelmente figuram a palha de trigo e a de arroz, que se exporta para as Canárias a partir de Vila Real de Santo António. A mesma oposição se observa no que se refere às vias ferroviária e rodoviária em relação às importações: predomina, com efeito, a ferroviária na movimentação das exportações.

A percentagem correspondente à via aérea, também inferior, explica-se pelo menor peso específico da produção nacional ou nacionalizada que por ela segue com destino ao estrangeiro (0,17 p. 100 do peso e 9,7 p. 100 do valor). Note-se que dificilmente as tarifas são compatíveis com produtos frutícolas, mesmo quando é bem acentuado o carácter de primícia, em função do qual se eleva o preço de venda nos mercados urbanos.

O movimento portuário. Na figura 11 foi cartografado o movimento marítimo dos principais portos da Metrópole, em função da arqueação líquida total, segundo as nacionalidades, em 1960 e em 1969. Dela sobressaem os portos de Lisboa, Leixões e Setúbal, por ordem decrescente. No período considerado registaram-se evoluções favoráveis nos de Aveiro, Figueira da Foz⁽¹⁶⁾, Cascais e Faro⁽¹⁷⁾ e desfavoráveis nos de Portimão⁽¹⁸⁾, Douro e, sobretudo, nos de Vila Real de Santo António⁽¹⁹⁾ e de Viana do Castelo.

As posições relativas e as evoluções verificadas explicam-se se atendermos à potência das embarcações que mais os frequentam: domínio das de longo curso (cerca de 90 p. 100) em Lisboa, Leixões e Faro; importância considerável das de cabotagem nos do Douro (32 p. 100), de Aveiro (cerca de 50 p. 100) e sobretudo no de Setúbal (57 p. 100). Explicam-se também pela frequência das embarcações portuguesas, em parte correlacionando-se facilmente com a potência. Elas predominam de um modo geral em todos os portos, com excepção do de Cascais (embarcações de veraneio?), e a sua posição fortaleceu-se entre 1960 e 1969 nos casos de Leixões, Douro e Portimão; a evolução foi porém inversa nos portos de Aveiro, Setúbal e Lisboa. E explicam-se, por outro lado, pela evolução das frequências estrangeiras: domínio das europeias, nomeadamente inglesa e alemã, embora esta tenha perdido posição relativa entre as duas datas, e ainda da norueguesa (Douro, Lisboa e Cascais), francesa, holandesa, sueca (em Cascais), espanhola (Leixões e Setúbal) e italiana (Lisboa). É igualmente de salientar a frequência das da Libéria no porto de Lisboa e das estado-unidenses no de Portimão: conservas de tomate, conservas de peixe, figo e amêndoa.

⁽¹⁶⁾ Beneficiado por obras recentes.

⁽¹⁷⁾ Idem.

⁽¹⁸⁾ Pelo desvio para Faro dos combustíveis líquidos e gasosos.

⁽¹⁹⁾ Por ter terminado a exploração da mina de S. Domingos.

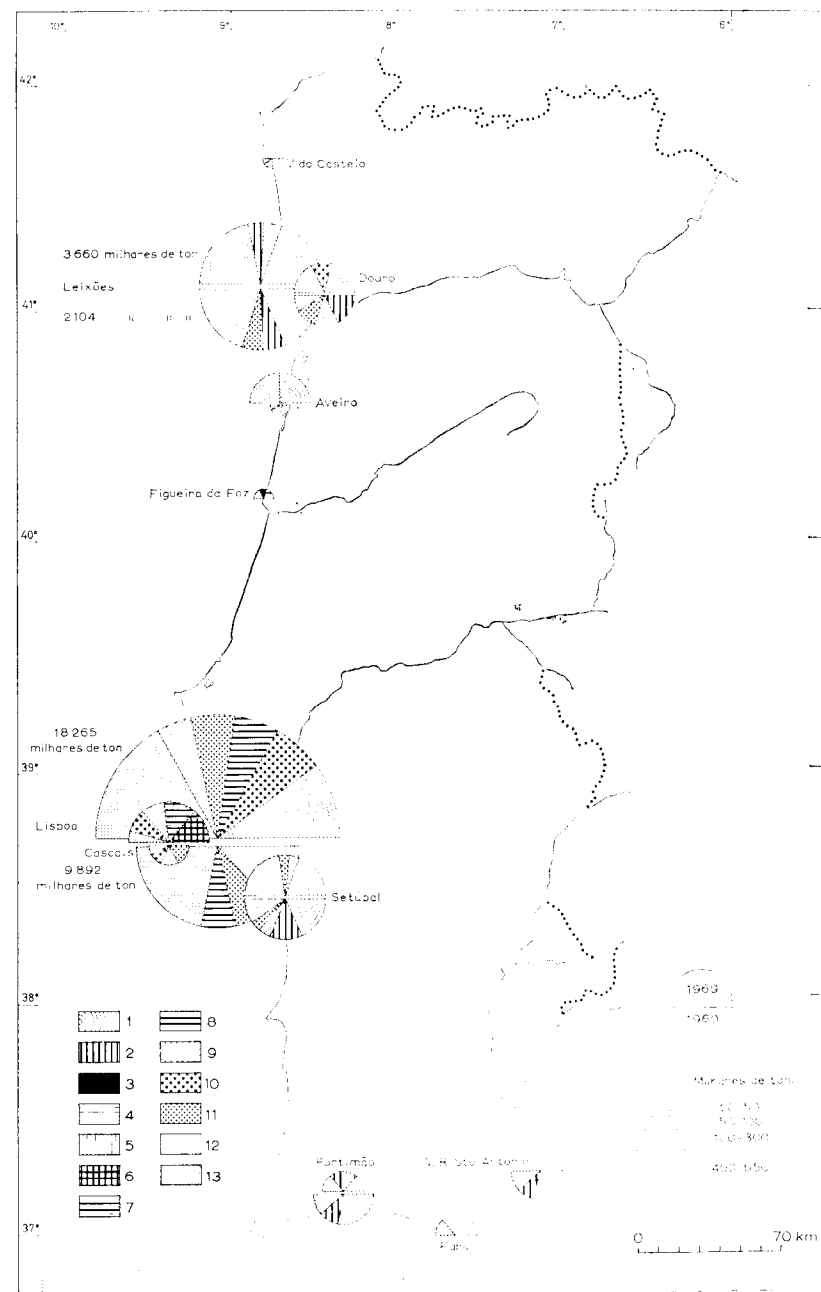


Fig. 11 — Evolução recente do movimento marítimo dos vários portos, segundo a TAL (tonelagem de arqueação líquida) e as nacionalidades dos navios. 1 — Portuguesa; 2 — alemã; 3 — dinamarquesa; 4 — espanhola; 5 — estado-unidense; 6 — francesa; 7 — holandesa; 8 — italiana; 9 — liberiana; 10 — norueguesa; 11 — inglesa; 12 — sueca; 13 — outras.

As funções espaciais da navegação portuguesa (1969). Ela serve as relações com as ilhas e com o Ultramar; das embarcações portuguesas que entraram no porto de Lisboa, 43,1 p. 100 partiram de portos nacionais: 24 p. 100 dos de Angola, 30,3 p. 100 do da Madeira, 21 p. 100 dos dos Açores, 9,9 p. 100 dos de Cabo Verde e 9,3 p. 100 dos de Moçambique.

Entre as que tocaram em portos estrangeiros (56,9 p. 100), a maior percentagem partiu dos da Ásia (29,7 p. 100); seguiram-se-lhe as dos da Europa (23,6 p. 100), da África (14,3 p. 100) e da América (9,6 p. 100). Estas frequências reflectem, no primeiro caso, as relações com o Iraque e portanto as compras de petróleo; no segundo, as relações com Espanha (44,9 p. 100), nomeadamente com Vigo (74,4 p. 100), com a Bélgica, ou seja com Antuérpia (18,1 p. 100), e com a Holanda, através de Roterdão (15,4 p. 100), os dois últimos portos recebendo minérios portugueses e enviando em compensação combustíveis líquidos e adubos.

Nas relações de Portugal com a África, servidas pela navegação portuguesa, sobressaem as correspondentes às Canárias (49,4 p. 100), através de Las Palmas, e a Marrocos, nomeadamente pelos portos de Casa Blanca e Safir (gesso).

Igualmente significativas são as carreiras que ligam Lisboa a Curaçau: 77,9 p. 100 das embarcações nacionais entradas que tocaram nos portos americanos.

No que respeita ao porto de Leixões, as embarcações portuguesas entradas, vindas dos portos nacionais, representaram, em 1969, 39,7 p. 100: destaca-se a posição das provenientes de Angola (38,7 p. 100) e dos Açores (25,5 p. 100). Seguiram-se-lhes, com igual representatividade, as da Madeira (13,4 p. 100) e de Cabo Verde (13,3 p. 100); o último lugar corresponde aos portos de Moçambique (9 p. 100).

A importância das embarcações nacionais vindas de portos estrangeiros é mais notória: 60,3 p. 100. Os da Europa representam 51,7 p. 100; foram seguidos pelos da Ásia, cujo único representante foi o Iraque (39,5 p. 100); e pelos da África, mas estes muito mais distanciados — 8,7 p. 100. Na Europa têm relevância os do Reino Unido (59,8 p. 100), especialmente o porto de Liverpool, e os da Holanda, ou seja Roterdão (17,4 p. 100). As relações de Leixões com os portos de África, servidas por embarcações portuguesas, fizeram-se quase exclusivamente com as Canárias, através do de Las Palmas (97,6 p. 100).

CARMINDA CAVACO (coordenadora) ⁽²⁰⁾

⁽²⁰⁾ Colaboraram as alunas de Geografia Aplicada do ano lectivo de 1971-1972.